



GOTTO, Roberto. Os mortos e os vivos: 130 anos do Culto à Ciência. Correio Popular, Campinas, 23 abr. 2003.

130 ANOS DO CULTO À CIÊNCIA

Os mortos e os vivos

ROBERTO GOTTO

No último, dia 11, quando os jornais saíram com a declaração do presidente da República dando conta de que “do ponto de vista das reformas, a esquerda também tem comportamento muito conservador”, a Assembléia Legislativa de São Paulo homenageou a Escola Estadual Culto à Ciência por seus 130 anos, numa cerimônia não menos sugestiva dos contrastes e paradoxos que compõem o que costuma ser denominado de “ironia da História”.

O evento solene, motivado por um projeto de autoria do deputado Renato Simões, começou com a memória da gênese positivista da escola, inscrita em seu próprio nome. A tradição originada em Comte encontrou-se com a que provém de Marx, lançando na atmosfera de reminiscências não só os pontos de contato e coincidência entre as duas doutrinas mas também – ainda que num registro surdo – o tom de suas divergências. Com efeito, não há como descartar uma inclinação positivista no pensamento de Marx, que, sintonizado com o racionalismo do século XIX, insistiu sempre na cientificidade de sua teoria. Por seu turno, o positivismo não deixou de desempenhar, no Brasil pré-republicano, um papel revolucionário e progressista, do qual o Colégio Culto à Ciência é fruto e testemunho: em seu caso, o positivismo foi a força social e ideológica que carregou ideais iluministas e influxos liberais para a fundação, em pleno Segundo Império, de uma instituição de ensino inteiramente laica.

Essas afinidades, porém, não podem ser consideradas rigorosamente como eletivas: de seus pontos de vista respectivos, positivismo e marxismo são doutrinas que se repelem reciprocamente. A divergência pode ser aquilatada pelos diferentes tons e sentidos que Comte e Marx atribuem à relação entre os mortos e os vivos, relação que constitui o mote de toda solenidade em que a atualidade depara com a tradição e se obriga a lhe render preito e prestar contas. Para Comte (no seu *Catecismo Positivista*), “Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana.” Síntese do culto dos antepassados ilustres santificados pela religião da humanidade, a sentença consagra o pólo da ordem sobre o do progresso e parece justificar a associação do positivismo à direita conservadora e tradicionalista.

Marx, por sua vez, no *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, afirma: “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.” Advertindo e lamentando o medo dos agentes históricos em romper com os modelos do passado, exprimiu e deu margem às concepções que tomam a revolução como um movimento no sentido de zerar a História, de instaurar o absolutamente novo, e vêem na tradição um peso morto do

qual as massas devem ser libertadas. E assim como, para Hegel, a Razão sempre triunfa na História, pois é ela que as ações humanas terminam por realizar, a perspectiva marxista, ao contemplar a convicção da inevitabilidade do socialismo, sanciona a idéia de que, afinal, tudo é lucro no processo histórico, inclusive as políticas que, aprofundando o desenvolvimento do capitalismo, acabam por agravar suas contradições e preparariam assim, voluntariamente ou não, o advento da apocalíptica “crise final”.

A era FHC finda com o dúbio legado do avanço progressivo da nova ordem capitalista para dentro da escola pública e do repúdio a toda uma tradição de meritocracia da qual os próceres do governo se beneficiaram em tempos idos; ao mesmo tempo, houve avanço também nas estatísticas de inclusão social, bandeira cara à esquerda. Se a perspectiva pela qual se encaminhou esse processo não pode ser classificada de marxista, nem por isso uma análise marxista dos resultados

deixará de indicar que, de uma forma ou outra – deliberada ou não –, as gestões do presidente-sociólogo realizaram ao menos em parte as tarefas que o curso da História impunha.

Também na agenda do atual governo – em que a coloração marxista se faz mais explicitamente presente –, as reformas dirigidas para a modernização do aparelho do Estado são tidas como avanço político e social.

A esquerda que patrocinou a comemoração dos 130 anos do colégio dá ensejo a que esses e outros valores sejam recolocados na ordem do dia

No entanto, se a esquerda que resiste a esse avanço é por isso mesmo conservadora, resta indagar sobre o caráter desse conservadorismo e se não subsiste valor no gesto de conservação – ou mesmo restauração – de certos valores e ideais que os agentes históricos, ao avançar para o novo, desprezaram e pisotearam com tudo quanto consideraram velho e morto.

A esquerda à la FHC – ou, o que é dizer quase o mesmo, aquela que vi-

cejou sob a sua administração – deixou para trás, alegremente, a concepção positivista (durkheimiana) da educação como ação das gerações adultas e velhas sobre as novas, alinhando o País à in-

fantilização geral que acompanha a globalização e a massificação universal. Ao lembrar e enaltecer a tradição dos mortos ilustres que fundaram o Culto à Ciência e consolidaram o seu patrimônio de idéias e ideais, a esquerda que patrocinou a comemoração dos 130 anos do colégio dá ensejo a que esses e outros valores sejam recolocados na ordem do dia e repensados à luz da tarefa imposta por outra agenda histórica que não a hegemônica: a que consiste em promover a inclusão social sem fazer tabula rasa das conquistas inscritas na tradição, mas levando em conta, justamente, as exigências e esperanças das gerações mortas – aquelas mesmas que os vivos, no ato de recordá-las, tentam salvar das ruínas da História.

Roberto Goto é escritor.

O evento solene, motivado por um projeto de autoria do deputado Renato Simões, começou com a memória da gênese positivista da escola